

**A INFLUÊNCIA DA LINGUAGEM  
UTILIZADA NAS REDES SOCIAIS  
NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE E SUA INTERFERÊNCIA  
NA ESCRITA CULTA DA LÍNGUA PORTUGUESA**

*Paula Helena Nacif Pereira Pimentel Ferreira* (UNIGRANRIO)

[phnacifppferreira@gmail.com](mailto:phnacifppferreira@gmail.com)

*Joaquim Humberto Coelho de Oliveira* (UNIGRANRIO)

[jhumberto@uol.com.br](mailto:jhumberto@uol.com.br)

*José Geraldo da Rocha* (UNIGRANRIO)

[rochageraldo@hotmail.com](mailto:rochageraldo@hotmail.com)

**RESUMO**

O presente estudo tem como objetivo verificar como a linguagem utilizada nas redes sociais influencia na construção da identidade de seus usuários e como interfere na escrita da norma culta. No mundo contemporâneo, a vida é muito agitada e corrida, o tempo vale ouro e, para que a comunicação ocorra com rapidez, utiliza-se uma linguagem coloquial despojada com abreviações que possibilitam entendimento, mesmo sem o uso da linguagem padrão. A análise consistirá na literatura específica, apresentações pertinentes às características da linguagem nas redes sociais e aos aspectos de textualidade. Visa entender como a nova linguagem está transformando a identidade de um determinado grupo social, os adolescentes, e como isso pode interferir na escrita padrão. Serão utilizadas como recursos pesquisas bibliográficas e as leituras de teóricos que abordam a temática. Será ressaltado neste texto fatores assinalando que os usuários dessas redes podem conseguir ajustar a escrita às circunstâncias comunicativas que determinam ou não a formalidade.

**Palavras-chave:** Linguagem. Redes sociais. Norma culta. Escrita.

**1. Apresentação**

Na sociedade contemporânea, os sujeitos estão vivendo em um tempo reduzido para as diversas atividades as quais desempenham no cotidiano. O decorrer de um dia parece não ter mais as vinte e quatro horas. São inúmeras atividades novas, atribuições do cotidiano contemporâneo a serem realizadas e apenas um dia fica curto para conseguir realizá-las, situação essa que parecia não acontecer no passado.

Para realizarem as atividades e não deixarem a comunicação deslocada, foram criados aplicativos para facilitar essa comunicação, troca de novidades e informações, criaram-se as redes sociais.

A tecnologia, desenvolvida pelo homem ao longo de sua história, de uma forma ampla, tem corroborado significativamente com a melhor qualidade de vida para a humanidade. Muitos são os exemplos que podem ser citados desde equipamentos e mecanismos de sobrevivência, na pré-história, até vacinas para as doenças que surgem com o passar dos anos.

De forma equivalente, é incontestável que a tecnologia faz parte na vida da sociedade, proporcionando amplas transformações e modificando a relação do homem com o mundo.

Por um aspecto, a tecnologia aproxima os sujeitos e favorece as comunicações, mas por outro lado pode provocar conflitos, impacientar e mecanizar.

Como a tecnologia avança numa rapidez impressionante, os equipamentos tecnológicos conseguem acessar esses aplicativos de qualquer lugar que ofereça a Internet via wifi ou sinal para pacotes de dados. Hoje é um requisito para hospedagem, parada para almoçar, lanchar entre outras atividades necessárias e que as pessoas aproveitam para se manterem plugadas às redes sociais.

A tecnologia avança para atender a necessidade da demanda da social que ao longo dos anos vem apresentando cada vez mais flutuações. Na tecnologia da comunicação as tecnologias proporcionam um grande espetáculo podendo acessar o mundo através dos aparelhos tecnológicos.

Entretanto, não é somente a tecnologia que avança incredivelmente, o que era um equipamento de ponta ontem hoje pode ser obsoleto, inclusive os aplicativos das redes sociais. Atualmente há disponível a utilização e entretenimento: o Facebook (que substituiu o Orkut), WhatsApp, Twitter, Instagram. Todos esses aplicativos ambicionam promover a comunicação com parentes e amigos, facilitando a informação/ a comunicação, novidades sem justamente precisar encontrar pessoalmente, o que hoje em dia é uma missão impossível por se somar tantas tarefas diárias. Logo, foi criada uma nova forma de comunicação na tecnologia da informação para tornar rápida a comunicação com fácil entendimento, o internetês.

Todavia, como conversar nos aplicativos sem deixarem as atividades que estão realizando? É necessário fazer as atividades, porém não se consegue deixar de saber das novidades e conversar com os amigos, além de facilitar informações importantes de trabalho. E nesse momento

é preciso ser rápido, claro e objetivo, não se pode perder tempo pensando em escrever de acordo com a linguagem padrão, assim inicia-se o uso de uma linguagem despojada, com uma estrutura coloquial a fim de facilitar a comunicação e entendimento entre os interlocutores do diálogo. Essa nova “linguagem” vem interferindo consideravelmente na linguagem padrão e na identidade das pessoas que fazem seu uso.

Com a intervenção do neoliberalismo na economia, controlando os preços e a inflação, iniciou-se um processo de privatização. Como o acesso aos computadores havia se tornado popular por volta da década de 70 e a nova política, a informação necessitava chegar rápido a diversos lugares do mundo e com isso a internet passou a ser uma ferramenta de grande valia na comunicação e com ela as redes sociais.

Devido a tecnologia da comunicação, as noções de sujeito e subjetividades estão sofrendo novas configurações. Os sujeitos tornaram-se permeáveis às diferentes formas do real, as novas formas discursivas, que modificam os padrões de sociabilidade. Nessa perspectiva Bauman<sup>9</sup> (2005) apresenta grandes contribuições aos estudos da identidade. Ele identifica que a identidade, na vida pós-moderna, consiste em não se fixar, ou seja, as estratégias de identidade precisam se adequar velozmente as situações mutáveis.

Existem muitos educadores da língua portuguesa e teóricos que criticam essa nova estrutura de linguagem que vem se contrapondo a linguagem padrão e culta. Entretanto, segundo Roxane Rojo<sup>10</sup> (2009) para que o letramento ocorra de forma ampla se faz necessário desenvolver o multiletramento que inclui o uso das novas tecnologias e suas redes de utilização.

## **2. Linguagem padrão X linguagem coloquial**

A linguagem é o mecanismo de que o homem se utiliza para interagir com seus semelhantes através da palavra, escrita ou oral, expressões; corporal e fisionômica; imagens; música entre outras. A utilização da linguagem terá sempre como finalidade a produção do significado, ou

---

<sup>9</sup> Zygmunt Bauman é um sociólogo polaco. Serviu na Segunda Guerra Mundial pelo exército da União Soviética.

<sup>10</sup> Doutora em Linguística Aplicada pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e professora no Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) da Universidade de Campinas (UNICAMP).

seja, a compreensão entre os interlocutores do diálogo. Portanto, é necessário que haja a adequação na linguística.

A sociedade, em sua pluralidade, ainda valoriza a língua padrão, a gramática normativa. Dentro dessa perspectiva, fica implícita a ideia de que as demais variantes da gramática normativa, não possuem valor para estudo, são incultas.

Analisando a comunicação das redes sociais, percebe-se uma interação da língua escrita com a oral. Identificando nesses ambientes uma conversa escrita com os traços da oralidade.

Essa mistura da linguagem traz conflitos na sociedade e no ambiente escolar, pois envolve uma discussão sobre a língua, questionando o que é certo e o que é errado, depreciando outros procedimentos linguísticos que fogem a norma padrão.

É importante salientar que a linguística textual teve uma trajetória longa desde o seu surgimento e desde então, com suas indagações e preocupações, vem transformando e aumentando. Primeiramente tinha uma vertente gramatical, pragmático-discursiva posteriormente, transformando-se em uma disciplina fortemente tendenciosa ao sociocognitivista. A partir desse momento, a percepção de produção texto passou a ser vista como uma atividade interacional, verbal, sendo esses carregados de intenções, logo, de práticas socioculturais.

A linguagem pode ser utilizada sempre da mesma maneira em todos os contextos, com todos os indivíduos e ocasiões? Não. A linguagem precisa se adequar ao contexto, aos interlocutores e, principalmente, ao objetivo que o seu conteúdo deve atingir e como deverá ser empregada.

No mesmo sistema temos a linguagem padrão e a linguagem coloquial, todavia, cada uma tem suas características particulares. Distinguir essas diferenças é extremamente importante no momento de realizar a adequação linguística.

Da mesma forma que se deve usar um determinado estilo de roupa em uma determinada ocasião, devemos adequar a linguagem.

A linguagem coloquial é mais despojada, utilizada em situações informais, com abreviações, reproduzindo a linguagem oral, sem tantas preocupações com as regras gramaticais.

A linguagem padrão é utilizada em ocasiões formais, em documentos, existe uma preocupação maior com a pronúncia das palavras.

Pois bem, para Bakhtin, todo ato comunicativo é contextual – situado por sujeitos, instituições, tempos e espaços definidos. Nesse sentido, comunicar é um processo dialógico. Não se trata apenas de dizer alguma coisa para alguém, mas para alguém e com outrem. Ou seja, leva-se em conta a alteridade, o interlocutor, os modos e as circunstâncias da interação verbal. Nosso autor foi incisivo ao considerar o interlocutor (seja leitor, espectador ou ouvinte) como um personagem ativo do processo de comunicação, que age, que trabalha, sobre o que lhe é ofertado. Ou seja, Bakhtin critica o que se convencionou chamar de “recepção”, entendida como o cumprimento das tarefas interpretativas determinadas pelo enunciador, num jogo abstrato e idealista de estímulo-resposta. (RIBEIRO & SACRAMENTO, 2010, p. 14)

De acordo com Bakhtin<sup>11</sup> (1997), a comunicação verbal não pode ser fora de uma circunstância concreta, cujo contexto é importante para a compreensão do ponto de vista dialógico da linguagem. Para ele, todo enunciado possui dois aspectos: o linguístico e o contextual.

O dialogismo (relações discursivas entre homem-mundo, homem-natureza e sujeito-objeto do conhecimento) acontece na interação dos discursos da comunicação e, nessa relação, acontece o processo de significação. “O discurso escrito é de certa maneira parte integrante de uma discussão ideológica em grande escala: ele responde a alguma coisa, refuta, confirma, antecipa as respostas e objeções potenciais, procura apoio etc.” (BAKHTIN, 1995, p. 123). Por meio da linguagem, os discursos são determinados em situações específicas (enunciação), constituindo estilos em um intercuro social (enunciados) que, instaura relações entre o eu e os outros e também liga o universo ideológico.

Bakhtin (1979) reflete sobre a língua como algo concreto, um fato social, individual que é despontado pelo falante. Percebe então, a enunciação com algo real da linguagem, colocando a enunciação como parte necessária ao entendimento das interações linguísticas.

O interlocutor, no acontecimento da troca (na enunciação), assume a parte de sujeito ativo na composição do sentido e a linguagem vincula o linguístico, o social, o pensamento. Segundo Bakhtin (1979, p. 22), “a palavra é o modo mais puro e sensível de relação social ... É, precisamente, na palavra que melhor se revelam as formas básicas, as for-

---

<sup>11</sup> Mikhail Mikhailovich Bakhtin foi um filósofo e pensador russo, teórico da cultura europeia e as artes.

mas ideológicas gerais da comunicação semiótica<sup>127</sup>.

### 3. *Multiletramentos*

Muitos são os discursos e reflexões a respeito do letramento, mas o que seria o letramento? Segundo Rojo (2009) letramento é:

[...] para ler (...) não basta conhecer o alfabeto e decodificar letras e sons da fala. É preciso também compreender o que se lê, isto é, acionar o conhecimento de mundo para relacioná-lo com os temas do texto, inclusive o conhecimento de outros textos/discursos (intertextualizar), prever, hipotetizar, inferir, comparar informações, generalizar. É preciso também interpretar, criticar, dialogar com o texto: contrapor a ele seu ponto de vista, detectando o ponto de vista e a ideologia do autor, situando o texto com seu contexto. (ROJO, 2009, p. 44)

Ser letrado está para além dos muros da escola, entretanto, a linguagem padrão está diretamente vinculada à instituição de ensino que segundo vários autores, deve ser ensinada pela escola. Possenti<sup>13</sup> (2002) crê que é papel da escola ensinar a língua padrão e, ainda segundo ele, qualquer outra suposição é um equívoco tanto político quanto pedagógico. Seguindo nessa linha de pensamento, também é possível citar outros autores como Luft<sup>14</sup> (1995), Bagno<sup>15</sup> (2005) entre outros que ainda acreditam na teoria de que só escreve e fala de forma correta, às pessoas que fazem uso das regras gramaticais normativas, sendo preciso aprender na escola. Em contrapartida, Labov<sup>16</sup> (1972) defende que as dificuldades encontradas na língua são instituídas pela própria escola e pela sociedade.

---

<sup>12</sup> Comunicação por representações que consideram os signos sob todas as formas e manifestações que assumem, enfatizando especificamente a propriedade de convertibilidade recíproca entre os sistemas significantes que integram.

<sup>13</sup> Graduado em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (1969), fez mestrado em Linguística na Universidade Estadual de Campinas (1977) e doutorado em Linguística também na Universidade Estadual de Campinas (1986). Atualmente, é professor livre-docente (associado) no departamento de Linguística da Universidade Estadual de Campinas.

<sup>14</sup> Filólogo e gramático, especializou-se em filologia portuguesa pela Universidade de Coimbra, em Portugal, e foi professor titular de língua portuguesa na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. defendeu sua livre-docência.

<sup>15</sup> Professor do Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução da Universidade de Brasília. Doutor em Filologia e Língua Portuguesa pela Universidade de São Paulo.

<sup>16</sup> Professor de Linguística da Universidade da Pensilvânia.

Fazendo uma ligação com a definição de Bechara<sup>17</sup> (1987) e entendendo que a vantagem não pode ser dada nem à língua padrão nem à coloquial, a linguagem deve ser adequada em suas diferentes ocasiões de uso.

A escola não precisa renunciar a sua função de ensinar a língua padrão, entretanto é importante reconhecer o valor e importância das outras multiplicidades.

Seguindo o pensamento de Rojo (2009, p. 107) [...] “um dos objetivos principais da escola é justamente possibilitar que seus alunos possam participar das várias práticas sociais que se utilizam da leitura e da escrita (letramentos) na vida da cidade, de maneira ética, crítica e democrática”.

Refletindo sobre o assunto, multiletramentos seria levar em consideração a produção cultural. A autora afirma que o multiletramento

aponta para dois tipos específicos e importantes de multiplicidade presentes em nossas sociedades, principalmente urbanas, na contemporaneidade: a multiplicidade cultural das populações e multiplicidade semiótica de constituição dos textos por meio dos quais ela se informa e se comunica. (ROJO, 2009, p. 13)

De acordo com os *Parâmetros Curriculares Nacionais* (1998), a proposta de estudo da língua é a interação. Dentro dessa perspectiva, o texto é colocado como configuração indispensável para exercer a organização e transmissão de ideias em circunstâncias de interação.

Dentro dos multiletramentos o texto continua sendo imprescindível e está ligado a cultura do aluno, a experiência de mundo trazida pelo aluno, numa teoria freiriana<sup>18</sup>, Rojo (2012) define que:

trabalhar com multiletramentos pode ou não envolver (normalmente envolverá) o uso de novas tecnologias da comunicação e de informação (‘novos letramentos’), mas caracteriza-se como um trabalho que parte das culturas de referência do alunado (popular, local, de massa) e de gêneros, mídias e língua-

---

<sup>17</sup> Professor Titular e Emérito da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e da Universidade Federal Fluminense (UFF), além de titular da cadeira n° 16 da Academia Brasileira de Filologia e da cadeira 33 da Academia Brasileira de Letras.

<sup>18</sup> Sua prática didática fundamentava-se na crença de que o educando assimilaria o objeto de estudo fazendo uso de uma prática dialética com a realidade, em contraposição à por ele denominada educação bancária, tecnicista e alienante: o educando criaria sua própria educação, fazendo ele próprio o caminho, e não seguindo um já previamente construído. Freire defendia a pedagogia de mundo, valorizando a bagagem de conhecimentos trazida pelos educandos.

gens por eles conhecidos, para buscar um enfoque crítico, pluralista, ético e democrático - que envolva agência - de textos/discursos que ampliem o repertório cultural, na direção de outros letramentos. (ROJO, 2012, p. 8)

Entretanto, o texto não segue mais um padrão engessado, fechado. Ele passa a ser um texto dinâmico que pode ser dialogado, questionado, modificado para atender as necessidades dos interlocutores, dentro e fora da escola.

Essa nova pedagogia desenvolvida, estabelece e estimula um aluno autônomo e crítico, que faz uso das novas tecnologias e adequa a linguagem para se comunicar e interagir; para o multiletramento, o aluno passa a ser o “responsável” pela sua aprendizagem.

[...] trata-se agora de dar conta das demandas da vida, da cidadania e do trabalho numa sociedade globalizada e de alta circulação de comunicação e informação, sem perda da ética plural e democrática, por meio do fortalecimento das identidades e da tolerância às diferenças. (ROJO, 2009, p. 89-90)

As novas de tecnologias da comunicação alteram nossos hábitos e costumes, mais do que isso, transforma a nossa a nossa linguagem.

Muitos usuários dessa nova forma de comunicação das redes sociais, o internetês, levam essa nova linguagem para anotações do cotidiano e, no caso dos jovens, para as produções escritas nas avaliações, o que preocupa muitos educadores e teóricos.

A escola precisa estar atenta as novas demandas e necessidades sociais, possibilitando o diálogo e discussões para facilitar e compreender o uso e entendimento dessa nova linguagem do mundo contemporâneo.

O multiletramento vem corroborar para libertar os sujeitos de uma normativa categórica que tende a determinar o que é certo ou errado na produção textual, abrindo oportunidades múltiplas de textos que visam à comunicação nas mídias e redes sociais de forma rápida e objetiva sem a característica de escrita errada por não ter as regras gramaticais impostas pela língua padrão.

#### **4. A identidade internetês**

O significado de identidade está relacionado à antropologia e a sociologia. A construção da identidade ocorre no coletivo, não é inata, ocorre na relação do indivíduo com a sociedade, ou seja, é algo singular que é construído a partir da interação com o outro.

Para além da construção da identidade, Bauman (2004) afirma que a identidade é mutável e não algo acabado. Segundo o autor:

O “pertencimento” e a “identidade” não têm a solidez como uma rocha, não são garantidos para toda a vida, são bastante negociáveis e revogáveis, e de que as decisões que o próprio indivíduo toma, o caminho que percorre, a maneira como age – e a determinação de manter firme a tudo isso – são fatores cruciais tanto para o “pertencimento” quanto para a “identidade”. (BAUMAN, 2004, p.17)

Dentro desta perspectiva, a identidade dos sujeitos que fazem uso da nova linguagem, o internetês, está sendo mexida e por que não dizer modificada.

Não só a identidade está sendo influenciada como também a linguagem escrita está sofrendo interferência com o uso do dessa nova linguagem e é possível que no futuro que ela venha interferir na linguagem oral.

Existe um acordo entre os interlocutores que fazem uso dessa nova linguagem que mesmo não obedecendo à norma culta da língua, respeitando as regras gramaticais normativas, as comunicações são completamente compreendidas, não havendo nenhum tipo de dificuldade para o seu entendimento.

Como a comunicação acontece rápida e intensamente o ambiente não pode ser formal, nas redes sociais se tem uma abertura para a informalidade e por isso a linguagem utilizada é adequada e se aproxima da oralidade. Na interação dos ambientes das redes sociais, há uma identidade própria que requer informalidades e outras características.

O internetês, conhecido como uma linguagem informal, tem como características as abreviações e a simplificação das palavras ou frases. Entretanto, o internetês não ficou apenas atuando nas redes sociais, invadiu o universo escolar, filmes e histórias em quadrinhos dentre outras fontes da linguagem escrita.

As abreviações são utilizadas no internetês para tornar a comunicação mais rápida, devido à pressa do dia-a-dia, facilitando com uma escrita mais despojada, sem a preocupação com as regras ortográficas e gramaticais.

Não é a primeira vez que a estrutura linguística sofre alterações na comunicação. No passado o telegrama também fez uso de abreviações, entretanto, existia um cuidado com a norma culta e a gramática.

Existe um número grande número de adeptos que fazem uso do internetês nas redes sociais, mas sem sombra de dúvidas, os adolescentes são os sujeitos que mais fazem uso dessa nova linguagem, pois eles têm mais facilidade de adaptar os símbolos da língua. A utilização dessa nova linguagem já está tão incorporada à identidade do adolescente que ele já faz uso dessa linguagem em outros ambientes para a comunicação.

## **5. Conclusão**

É necessário reconhecer que a linguagem não pode ser usada sempre da mesma maneira, uma vez que o contexto, os interlocutores e a intencionalidade da mensagem são fatores determinantes que influenciam como ela deverá ser utilizada. Portanto, não é possível caracterizar a linguagem como certa ou errada, precisa ser entendida como adequada ou inadequada à ocasião.

Como a identidade é algo mutável e que se transforma na interação social, na troca com o outro, estamos sofrendo uma mudança na identidade, sobretudo a dos jovens que estão incorporando uma nova linguagem.

A internet é um espaço onde podemos encontrar uma pluralidade de padrões, estilos e usualidades. Sendo ela esse espaço, é uma ferramenta que proporciona uma liberdade de expressão e nela encontramos uma comunicação completamente diferente das normas padrões definidos pela gramática normativa, o internetês.

O internetês é uma linguagem feita para simplificar as expressões informais, dinamizando a comunicação. Ele é dinâmico permitindo a invenção de palavras e expressões sem a preocupação de obedecer a gramática, ortografia. Sua preocupação é a fonética das palavras.

Essa nova linguagem surge na tentativa de promover rapidez nos diálogos virtuais devido à pressa que vivemos no nosso cotidiano e criar uma aproximação dos interlocutores, fazendo parecer curta a distância, fazendo da produção oral uma produção escrita.

A escola tem uma função primordial nesse momento: mostrar e aceitar, o de diferenciar e adequar a língua padrão e coloquial, pois o conflito entre elas prejudica tanto a produção textual quanto a comunicação, devendo existir diferenciação entre as diversas situações e o uso da língua.

Sendo a teoria do letramento importante para a questão do letrar, muito mais do que apenas alfabetizar, nos dias atuais a escola precisa incorporar o uso das novas mídias e renovar a prática escolar, reinventando a sua própria didática, não apenas letrando, mas sim multiletrando para que o aluno adeque a linguagem à situação de comunicação.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAGNO, Marcos. *A norma culta: língua & poder na sociedade brasileira*. São Paulo, Parábola, 2005.
- \_\_\_\_\_. *Preconceito linguístico*. São Paulo: Loyola, 1999.
- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- \_\_\_\_\_. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1979.
- BAUMAN, Zygmunt. *Identidade: entrevista com Benedetto Vecchi*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- BECHARA, Evanildo. *Ensino da gramática*. Opressão? Liberdade? São Paulo: Ática, 1987.
- BRASIL. Ministério da Educação/Secretaria da Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclo do ensino fundamental*. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- LABOV, William. *Sociolinguistics patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.
- LUFT, Celso Pedro. *Língua & liberdade: por uma nova concepção da língua materna*. Porto Alegre: L&PM, 1995.
- POSSENTI, Sírio. *Por que (não) ensinar gramática na escola?* São Paulo: Mercado de Letras, 2002.
- RIBEIRO, Ana Paula Goulart; SACRAMENTO, Igor. (Orgs.). *Mikhail Bakhtin: linguagem, cultura e mídia*. São Carlos: Pedro & João, 2010.
- ROJO, Roxane. *Letramentos múltiplos, escola e inclusão social*. São Paulo: Parábola, 2009.
- \_\_\_\_\_; MOURA, Eduardo. *Multiletramentos na escola*. São Paulo: Parábola, 2012.
- SOUZA, Luciene Pinheiro de. *A interferência da linguagem de chats e fotologs na produção de texto*. 2007. Dissertação (de mestrado em cognição e linguagem). – Universidade Estadual do Norte Fluminense.